



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 21 de Fevereiro de 1981 * Ano XXXVII — N.º 964 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ÁFRICA

O homem ocidental perdeu-se na procura de bens materiais. Encontrou-os. Mata a cabeça para os consumir. Goza-os até à sua própria destruição. Esqueceu que vai a caminho da «Terra prometida» (O que é isso?). Está fazendo aqui a sua pátria. Fez no fundo da avenida seu pequeno jazigo.

Também o homem africano se afadiga na procura de bens: Vai à caça, esta foge.

Semeia milho, não chove.

Cresce a mandioca, vem a guerra e destrói a lavra.

Precisa vestir-se, não há panos.

Está doente, falta o médico.

No nosso mundo ocidental, tudo abarrotado de tudo!

Lá grupos humanos colados às grades das peixarias, dos talhos e das lojas à espera duma pequena ração, que nem sempre vem.

Chegam até lá parangonas bonitinhas sobre a fome no dito «3.º Mundo! Mas... em todos os cais, encostam armas em vez de pão.

Todos querem salvar! E aco-dem — uns, com canhões; ou-

tros, com bombas. Bonito!

E, não serão as sobras de barcos de comida a resolver... Só uma linha de conduta que nos leve a suprimir os berloques, a cortar o luxo e o es-

banjamento. Só uma mística de amor. Um acordar para o nosso abarrotamento e para a fome dos Outros.

Padre Telmo



Cobrança

Fernando veio dizer-me que era tempo de começar a cobrança e que escrevesse eu uma palavrinha. Eu respondi-lhe que não pensasse nisso nesta hora em que já nos ocupamos da remodelação do sistema de endereçar e da nova arrumação de todo o material da expedição, segundo os novos critérios de encaminhamento resultantes da introdução do Código Postal, para o que hoje mesmo conseguimos a colaboração de um especialista dos C. T. T.

De facto, já aí está um ficheiro novo, cinco mil placas para gravar, uma máquina eléctrica alugada para este fim, enquanto a nossa se adapta às novas placas e uma máquina

manual de endereçar, do novo formato, de onde vão sair, por agora, os jornais dos novos assinantes.

Isto, junto a correios monumentais para aviar todos os dias, chega e sobra para as nossas estruturas humanas e não dá para mais «extraordinários».

De resto, a cobrança é uma violência que nos fazem, como tantas vezes nos temos queixado. Só aqueles que no-la exigem, nós a praticamos. E agora com o preço proibitivo que ela custa, quem tem alma para usar tal processo? Aliás, os próprios assinantes, na medida em que advertem, se vão convertendo e rejeitam a cobrança. «De hoje para o futuro,

como os encargos são caríssimos — sublinha um leitor de Vila Real — acho que todos os benefícios devem reverter a favor da vossa Obra. Assim, prometo não me esquecer da minha obrigação para convosco na devida oportunidade, e peço para não mandarem mais o recibo à cobrança.»

Ora é isto mesmo que nós queremos e nos motiva a escrever estas linhas. Para já, não faremos cobrança. E a todos os que estavam acostumados a ela, nós pedimos que se adiantem e nos digam que renunciam. Por nós, preferimos uns «calotezinhos» que às vezes chegam a durar vários anos, mas quase sempre acabam em penitência que sana a situação.

E a lembrança de cada qual (mesmo sujeita ao risco de esquecimento!) é ainda uma prova de atenção e de amizade que faz parte daquele preço essencial que é a leitura do jornal. Quem lê, cedo ou tarde

Os Pobres obrigam-me a conhecer todos os Bairros do Porto. E muitos são eles.

Hoje estou aqui no do Cerco, mesmo rente à Circunvalação, na descida para o Douro.

Falar dos bairros camarários é entrar num capítulo muito complexo. Eles são na verdade necessários. As casas que estes substituem não eram casas no geral. Eram, sim, aglomerados habitacionais, semelhantes a comboios, onde as carruagens abrigavam seres humanos de baixa condição. Abrigavam os destruídos e abrigam ainda os existentes.

Os Bairros de substituição eram urgentes. Mas a mudança desorienta, por vezes, as pessoas trasladadas. Coloca lado a lado desconhecidos. E os problemas que cada lar transporta não encontram eco fácil nas paredes vizinhas. As «ilhas» grandes são agora «ilhas» mais pequenas e verticais.

Na minha frente blocos airosos, plantados em rampas suaves com alguma relva e arbustos graciosos. Em meio, jardim infantil com o buliço natural. Certifico o número do prédio e subo a escadaria. Pobre velhinha só e sem parentes habita o primeiro andar. Uma trombose cerebral surge e a pobre fica retida no leito alguns dias. O seu não aparecimento causa estranheza. Os vizinhos batem à porta. Entram e dão com ela paralisada na cama. Começam desde logo a dispensar cuidados conforme podem.

— Sabe, diz-me a vizinha do segundo, só uns dias depois dela ter acamado é que soube. A gente anda na nossa vida.

A doente está cuidada e asseada. Vê-se que anda aqui mão amiga. Nem tudo é negativo neste viver do Bairro.

— Mas, se o senhor a levasse era tão bom, que a gente já não aguenta!

Compreendo o desabafo. É o

sempre se lembra e cumpre a sua obrigação! Vamos, pois, acabar de uma vez para sempre com a cobrança.

Padre Carlos

pensar geral. Cada qual com o que é seu e só. Este ser jacente não lhes pentence. A mentalidade actual do viver em sociedade fecha os Homens cada vez mais perante os problemas alheios. Talvez seja egoísmo. Mas não só. O homem moderno é um medroso. Tem receio de se comprometer, de se empenhar a fundo, de se dedicar a sério aos Outros, sobretudo quando estes estão em situação exigente. E o drama advém para os que se vêem sós, para os que caíram na incapacidade física.

Internada para observação, a senhora Maria do Céu é retirada dum hospital de Lisboa, porque o estado do carcinoma que a vítima, não suporta já intervenção cirúrgica. Recolhe a sua casa na Costa do Sol. Tinha amigos com quem convivia. Agora, estes não comparecem. De novo o medo. Medo de se comprometerem e serem coagidos a cuidar dum ser já carecido de muito desvelo. Avisam-nos. Pedem-nos ajuda. E ela vem, que «os ratos andam por todos os lados naquela casa e ela está indefesa no leito».

No Porto, de novo outro brado. É uma pobre velhinha acamada que ninguém visita e está a «roubar» o lugar num hospital.

Nós somos para aqueles que a sociedade não quer. E a doente vem só, sem saúde, sem família, sem amigos. Que grande dávida recebe o Calvário neste dia! Estes são aqueles que trazem tudo de quanto precisamos. Estes são aqueles que fizeram erguer estas paredes. Estes são aqueles que nos dão força para falar e ousadia para pedir. Eu sempre gostei muito dos sem nada! São a nossa maior riqueza!

Felizmente que nem sempre os doentes são rejeitados, pois ainda há quem se doa com eles. Um emigrante da Figueira da Foz vem a férias para descansar. O quadro familiar, que depara, não o deixa contudo repousar. A mãe teve recentemente uma trombose e está inutilizada. Ele tem que regressar, mas não pode, no

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

TONITO E DANIEL — Vieram para nós muito pequenitos. Acabaram agora de cumprir o serviço militar. Urgia lançá-los na vida; e, por isso, arranjámos-lhes emprego. Mandá-los embora sem mais nada, não! Sendo nós o esforço de querermos ser uma família, não devemos de modo algum escorrá-los.

Tonito e Daniel não podem de modo algum abandonar a responsabilidade que têm, tanto dentro como fora da nossa Casa. No mundo que nos cerca há gente com os olhos postos em nós. As Casas do Gaiato são membros duma Igreja Viva. Dai que Pai Américo nos ensinou a ver nelas «santuários de almas».

Que o Tonito mai-lo Daniel saibam abrir as portas a outros. Eles mais do que ninguém podem ser obreiros actuantes duma mãe que os amamentou. Vamos a ver se eles dão conta do recado.

TIPOGRAFIA — É agora mais escola. Acaba de ser apetrechada com um estúdio *offset*. Nós mandávamos fazer os trabalhos fora e levávamos o coiro e o cabelo. Agora não; temos o nosso!

O Mário tem ali uma aprendizagem. Outros lhe seguirão. É mais uma riqueza profissional.

Que eles saibam corresponder e tomar as coisas como suas.

FRUTICULTURA — O frio e o gelo têm feito estragos nos nossos pomares. Há que aproveitar a laranja que cai. Um dia destes vi o Elói — chefe maior — com um grupo a cortar e a espremer delas. «A malta gosta muito», diz o chefe. E continua: — «É da maneira que não se estragam».

Ora aqui estão dois verbos de que o mundo não dá fé: dar gosto e não deixar estragar.

BERNARDO — Ele agora é meu. É da minha oficina. Tem andado todo contente porque «já sou capaz de fazer muitas coisas; não sou?!»

É. Ele já tem feito muitas coisas. Eu tenho barafustado e pedido aos outros que ajudem o Bernardo a valorizar-se. Cá em Casa é obrigação dos mais capacitados ensinarem os que têm menos faculdades. Vamos a ver se os companheiros do Bernardo assim compreendem.

FUGITIVO — O Alfredo fugiu. Ele foi aquele que veio de Almada pelo seu pé. Muito vivo, muito falador, muito fraco. Fugiu e levou consigo o colega que amanhã a bata-ta que saia da máquina de descascar. Esperámos que ele mai-lo companheiro voltassem. Mas não. Andam por lá!

MATRAQUILHOS — Temos um jogo deles que uma das nossas Casas ofereceu.

Nas horas vagas é vê-los a correr pró local para ganhar vez! Acaba-se o recreio e muitos ficam sem fazer o gostinho... Ora nós queremos vê-los alegres, queremos dar-lhes o que

eles precisam para que não se sintam ociosos. Um jogo é pouco, muito pouco para contentar tanta gente! Se ninguém nos mandar, teremos que ir para uma subscrição... Digam-nos alguma coisa que nós vamos buscar. Em Lisboa, Coimbra ou Porto, temos as nossas Casas. Queremos vivacidade nos nossos como tu queres nos teus.

CABRA — Fui arrastado por eles, até aos currais. Mostraram-me, então, uma cabrinha. Enquanto arranjavam aconhego para a dita, afirmavam: — «Foram uns senhores que vieram visitar-nos e trouxeram-na. Agora temos que arranjar um chibo para dar cabrinhas».

Oh! deleite destas crianças! «Agora temos que arranjar um chibo para termos cabrinhas.» Aqui tens como eles aprendem as coisas da Natureza com naturalidade! As vacas, as ovelhas, os porcos, as galinhas, tudo eles presenciavam e do mesmo modo sabem que não foi a «cegonha» que os trouxe ao mundo. A Natureza é mestra nestas coisas.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paro de Sousa

● É um trabalhador do campo, muito doente e já reformado.

Conhecemos este homem mais jovem, quando erguia precariamente sua casa em regime de Auto-construção. Ao fim e ao cabo, porém, sacrificava a própria saúde e terminamos a moradia com a ajuda dos nossos leitores.

Entretanto, recupera e encontra a mulher com que sonhara — mais nova do que ele. Unidos pelo Matrimónio cristão, sentem-se realizados, mau grado as dificuldades da vida.

— Ora bem. Nos meios rurais, quando a desgraça bate à porta dos Fracos, repercute-se a dor no recoveiro dos Pobres.

— F. está muito mal. Vejam se podem deitar a mão...

Como será em comunidades sem apoios desta ordem? Na opinião de alguns, não vale a pena sair para a rua — a miséria e a dor teriam desaparecido da terra lusitana! — qual movimento de *sacristia* que faz caso omisso do Sermão da Montanha...

Ele está de cama. Pedimos licença e sentamo-nos frente a frente.

— Isto é por Deus... Não contava com o meu Amigo!

— Não se comova...

— Ele é que o trouxe a mim...

E foi uma explosão de *Sobrenatural* — diria Pai Américo.

— Ouvimos, recolhidos, a oração do Pobre, que traça, espontaneamente, uma retrospectiva da sua vida.

— Fiz o prédio pra casar, q'eu não tinha mais ninguém...

— Entra a mulher com um bebé ao colo.

— Que rico menino!

— Nasceu há três meses... E a porta é aberta, de novo, por

uma linda menina de quatro anos. — Quem é este senhor?!

O pai explica e a criança aproxima-se de nós.

— Vem ver o meu pai?

Dá um beijo e segue para a rua. Amago do problema: a casa, a miserável pensão, as doenças... Um quadro negro!

Já referimos a necessidade de apoio à Auto-construção, expresso, aliás, na Lei Fundamental. Todavia, continuando só a letra, de senhores letrados, mais coerente seria eliminar o articulado.

Concretamente: este Amigo comprou terreno, fez escritura e só andou com a obra depois do calvário processual — sem ajuda de ninguém. Vem a falência da iniciativa — que recuperámos — e jamais teve que para ultimar burocracias, nem coragem para nos pôr o problema. Metete-se em casa, não requer licença de habitação, estando a moradia omissa na matriz, há cerca de 15 anos.

— E agora!? Fico tão doente quando penso nestas coisas...!

Em suma, não é *clandestino*. Cumpriu a lei até onde foi possível. Mas desenterrar este assunto nas repartições, será um inferno!

● Mais gente do campo!

Ela pertence a uma família numerosa, de lavradores-caseiros. A terra é seu ofício, desde que nasceu. Como outros irmãos, na altura própria, constitui o seu lar. Mas sofre doença asmática desde pequena e tem crises muito difíceis; com a agravante de que o homem não é como deveria ser... Daí, sofrimento dobrado!

Mulher do campo — ainda hoje enquanto pode — ela não estava inscrita na Casa do Povo. E a dependência do marido, por factos que não temos coragem de revelar..., não lhe dá a independência necessária, face à Segurança Social. Foi então que nós, mai-la proprietária da quinta, achámos melhor que esta mulher — um *Cristo* crucificado! — tem pleno direito de se inscrever como beneficiária do Seguro Social.

A papelada está pronta a entrar na repartição. E, como medida de prudência, vamos liquidar *atrasados* para todas as eventualidades. Mais de dois contos.

É Justiça Social. É defesa dos Direitos do Homem, neste caso da Mulher. Ele há para aí um Secretariado da Condição Feminina, com gente muito instruída; o certo, porém, é que não chega ao Campo alguma coisa útil ou válida..., do seu programa. Infelizmente, ao longo da História, foi sempre assim. O homem ou mulher do Campo são uma espécie de cidadãos de segunda. Temá oportuno, que daria pano para mangas!

PARTILHA — O assinante 9790, de Oliveira do Douro, presente com um cheque e «uma oração ao Céu para que todos nós descubramos, aceitemos e avinemos que a Força de Deus se manifesta e aproveita Aquilo que aos olhos dos homens é fraco e sem valor, e nisso reside a grande prova do Amor e Sabedoria do Senhor. Honra e glória só a Deus.»

Mensagens que são tónico da acção! Assinante 1295, 300\$00. Piedade, 200\$00. Assinante 27177, de Lisboa, 500\$00. «Velho Amigo» do Porto, 600\$00 «oferecidos por minha Mulher». Testemunho do Grande Sacramento!

Mais 500\$00 embrulhados, discretamente, numa folha de papel colada com fita adesiva. Remanescente de contas em dia, pela mão de uma assinante de Fragoso de Cima. Vale de correio para «uns idosos ajudados pela Conferência», emitido em Coimbra «por alma de meus pais». Votos de melhoras. Rua Saraiva de Carvalho, Lisboa, 200\$00. «Em memória do meu Marido que Deus tem», 500\$00 da assinante 3119. Outro vale de correio: 150\$00 proveniente de Gaia.

«Modesta oferta» de Amiga velha pedindo «uma oração por alma dos meus queridos Pais, no dia em que comemoro o meu 75.º aniversário». Por muitos anos mais!

Rua das Andorinhas, Porto, 500\$00 «por alma do meu Patrão que tanto gostava da Obra do Padre Américo». Anónimo, por intermédio de uma senhora da Casa do Gaiato: 400\$00. «Alentejana», no Porto, 1.000\$00. Idem da assinante 13519, por Janeiro e Fevereiro. Já que falamos no Alentejo, metade de uma minha conterrânea da Avenida da Piedade, Elvas, com muitas e boas recordações! Senhora da Hora, 200\$00 «para que tenha mais fé, mais inteligência e força de vontade para os meus estudos». É uma legenda magnífica!

Agora, alto lá! Vamos dar a palavra a recoveiros dos Pobres. Lisboa: «Sou vicentino há mais ou menos 15 anos. Mas, por inércia, eu sei lá o que me falta para poder ser um *recoveiro* dos Pobres!»

Poderá ser insatisfação do que seria capaz de fazer e não faço, mas graças a Deus que estou, de facto, «contaminado» desde os primeiros tempos com o ser vicentino.»

Outro recoveiro dos Pobres — também de Lisboa — com ressonâncias na altura própria:

«Já há muito que não tinha o gosto de escrever, talvez por um misto de comodismo, próprio da idade, e desse pecado mortal chamado preguiça.

Fez-me sair deste torpor o Evangelho do passado Domingo, conhecido por Sermão da Montanha ou das Bem-Aventuranças, página admirável que só Deus — que é Amor no dizer do Apóstolo S. João — poderia ter inspirado.

(...) Ora, o coração compadecido, o amor e a compaixão se forem autênticos, não podem deixar de se revelar em obras, pois, derivando aqueles sentimentos da Fé, aplica-se-lhe o ensinamento de S. Paulo: — «A Fé sem obras é morta».

E eu interroguiei-me: — Que obras tenho feito ultimamente para me situar naquela bem-aventurança? A resposta não me pareceu muito animadora.

Meditava nisto quando recebi O GAIATO de 24 de Janeiro. E mais uma vez foi ele o sino que tange chamando ao cumprimento do dever vicentino. Lá vem o caso do «homem marginalizado» que habitava em condições infra-humanas. Perante a sua situação, não podia ficar indiferente. Há um irmão necessitado que

precisa de ajuda para a segunda fase das obras de sua casa. Aqui incluo uma pequena achega para o efeito...

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BENGUELA

O 16 DE JULHO DE 80 — Embora estas pequenas linhas cheguem tardiamente aos nossos leitores, sempre é bom saberem que por estas longínquas terras continuamos — como gaiatos que somos para sempre — a celebrar e festejar o grande 16 de Julho, «nosso dia».

Neste contexto, o dia da Obra foi festejado na nossa sede desportiva, com um jantar seguido de algumas apresentações de dança e música a cargo do Gil, cooperante português, e do «Cangana», o nosso Emílio.

Padres Manuel e Zé Maria estiveram presentes, como não podia deixar de ser, neste dia em que todos nós — casados e solteiros — estávamos de novo reunidos à volta da mesma mesa como aprendemos nas Casas do Gaiato.

Os nossos convidados de fora foram homenageados com uma grande salva de palmas, logo à entrada, seguido de cânticos como o «Salvé, Salvé, eleito de Cristo». Depois foram os fortes abraços e nossos profundos agradecimentos por tudo... Na mesma leva foram apresentados aos mesmos os nossos rebentos — «netos da Obra por excelência».

Enfim, foi um 16 de Julho inesquecível, que não consigo e nem tenho mais palavras para descrever todo aquele espectáculo que vivemos naqueles poucos momentos da nossa vida em que nos sentimos mais juntos. Foi o melhor.

Por toda esta unidade só temos uma palavra de agradecimento:

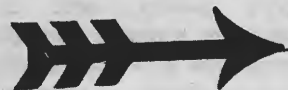
— Obrigado Pai Américo! Temos ainda por cá muitos Maxindes.

NOTAS DESPORTIVAS — Terminou mais um Campeonato Provincial de Futebol da 1.ª Divisão, edição 1980. E, pela primeira vez na história, o Grupo Desportivo e Recreativo «Os Gaiatos» sagrou-se brilhante vencedor, pois em 16 jornadas totalizou 27 pontos, 42 golos marcados e 13 sofridos, contra 22 pontos, 31 golos marcados e 15 sofridos do Club 1.º de Maio de Benguela, 2.º classificado. Fantástico!

Record? Até quando!? Estamos à espera.

Tivemos o mérito de sermos o melhor ataque e a 2.ª melhor defesa já que a defesa menos batida foi a do Sporting de Benguela, que apenas sofreu 11 golos e classificou-se no 3.º posto com 20 pontos e prémio da Taça Disciplina. Já agora, as nossas saudações desportivas à turma de Fernando Jordão, campeão da disciplina.

Com esta estrondosa vitória, caminhamos a passos largos para o 1.º Campeonato Nacional da 2.ª Di-



visão, época 1980/81, a ter início a 12 de Dezembro de 1980, onde vamos esperanças em representarmos condignamente a nossa Benguela e, acima de tudo, o nosso querido Gaia-to. É com este espírito e amor à camisola que contamos subir de divisão na próxima época.

O 1.º Nacional da 2.ª Divisão consta de duas séries de 10 equipas cada. Subiram ao escalão maior, automaticamente, o 1.º e 2.º de cada uma. Para o apuramento do Campeão Nacional efectuar-se-á uma liguilha na cidade do Huambo entre os primeiros e segundos de cada série que ficaram apurados à 1.ª Divisão. Resta ainda acrescentar que os jogos serão no habitual sistema de um contra todos e haverá segunda volta.

Os nossos trabalhos de preparação já começaram no duro, visto que o 1.º campeonato irá promover. Pois equipas categorizadas como o Petro Atlético do Huambo e Petro Atlético de Luanda, ambas formações dos petróleos, acabam de efectuar estágios de 15 dias na Itália e no Brasil, respectivamente. Esta coisa dos Petróleos, afinal de contas, tem mesmo muita força! Estou a lembrar-me do Petro do Huambo que no seu último jogo de treino na Itália, perdeu apenas por 5-0 frente ao guia, na altura, o Fiorentina.

Por sermos dignos representantes de Benguela, os nossos atletas foram autorizados, junto às instâncias superiores do Governo da Província, a serem dispensados dos serviços de 2.ª a 6.ª feira, a partir das 16 h, para treinos de preparação. Os mesmos são realizados no antigo Campo Pai Américo — sito no berço da nossa nacionalidade — Vale do Cavaco, que, para o efeito, sofreu profundas remodelações.

Para melhor informação do leitor acerca do nosso desporto, esteja com o «Famoso» que, a partir de agora, passará a fornecer notícias a par e passo, quinzenalmente, do desenrolar do Girabola nacional da 2.ª Divisão. Porque «Os Gaiatos» de Benguela lá estaremos por essa Angola de lés-a-lés, oferecendo a todos o nosso calor — no passado as nossas inesquecíveis festas — e o nosso sorriso e amizade especiais.

Somos uma chama de fé acesa no coração da África.

Solano

IMPRESSÃO DO CORVO

EDUCAÇÃO FÍSICA — É domingo. A luz do sol desde logo começa a querer incomodar aqueles para quem este dia é o único para reparar as energias gastas durante mais uma longa semana de trabalho. Depois do grande convívio que é sempre a nossa vida, a malta segue para os seus afazeres, procurando efectuar o melhor possível.

Este domingo foi um dia um tanto cheio que a nossa comunidade viveu. Assim, o Luís que está a cumprir o seu dever de cidadão na Base de Tancos, onde é paraquedista, aparece no nosso campo de futebol completamente equipado e a convidar os mais velhinhos para uma sessão de educação física. Depois de todos equipados, começam os exercícios e os comentários daqueles que nos observam das bancadas:

— «Olha que não aguentam, está tudo enferrujado...» Mas eles não sabem que, por vezes, os comentários acabam por incitar e nenhum quer fazer figura de fraco!

JOSÉ ARAÚJO — O que mais alegraria, porém, a nossa comunidade seria a vinda do «Grupo Coral e Orquestra Típica Juvenil do Evim». Já uma vez, quando ainda estava no começo, este grupo — liderado por um dos três primeiros gaiatos — nos havia visitado. Hoje, já depois de haverem ultrapassado a casa das quinhentas actuações, eles visitam-nos outra vez; desta feita com um repertório muito completo. Foram praticamente duas horas de alegria bem passadas; horas estas em que nós, gaiatos actuais, pudemos ver mais um fruto desta grande Obra. São estes os momentos em que se pode ver o apego e as saudades de todos aqueles que por aqui passaram; aquele orgulho de terem sido gaiatos há quarenta e um anos atrás, ainda quando estava a começar este grande sonho de Pai Américo.

Depois de uma primeira parte onde esteve presente o seu coro, veio a segunda onde também alguns dos nossos começaram a participar. Os nossos «Batatinhas» fizeram também um dos seus números, embora um tanto improvisados, com o Carlitos e Manuel António à viola.

A despedida, como sempre, é o que nos custa mais; mas com ela o José Araújo, assim como todos os componentes deste pequeno mas tão vivo agrupamento, deixaram-nos a promessa de que a sua milésima actuação seria dedicada a esta Casa, da qual, por vários anos da sua vida, ele fez parte.

Cronista X

Paço de Sousa

PADRE TELMO — Chegou, há dias, de Angola, o nosso P.e Telmo. Chegou, mas deixou por lá muitas recordações e saudades. Aqui ficará como responsável da Obra da Rua, de todas as nossas Casas, no Continente, pois as de Angola foram nacionalizadas.

Pelo que vejo ele sente-se feliz, aqui, junto de nós. E isso é o que a Comunidade deseja, que deixe as tristezas. Felicidades!

LAVOURA — A lavoura, nestes últimos tempos, tem sofrido muitas preocupações com a falta de chuva. Não é só por aqui que tal acontece, mas por todo o território português. Se assim continua, onde irão parar as sementeiras e colheitas?! Tornar-se-á tudo caro, desde a hortaliça, batatas, etc. É uma chatices esta falta de chuva!

As barragens sem água obrigam a preocupar-nos com o gasto racional da electricidade: Faz bem falta uma chuvazinha, dias seguidos, mas que nada estrague. Assim, poderíamos recuperar as sementeiras e haver colheita... boa.

VEIGA — O Veiga, assim se chamava aqui em Casa, era um moço com paralisia nas pernas, desde muito cedo. Ele era encadernador. A certa altura, começaram a dar-lhe os ataques epiléticos, tendo caído muitas vezes da cama no nosso hospital. Correndo para o médico aqui... médico acolá... Acabou por ir para o hospital de Penafiel, onde lhe tiraram uma radiografia, seguindo depois para o Porto. Esteve uns dias internado em V. N. de Gaia, inspirando sérios cuidados, pois sofria dos pulmões. Na sexta-feira, dia 30 de Janeiro, o Veiga morreu.

TRIBUNA DE COIMBRA

O tom desta partilha é dado por um **trabalhador cristão** da Beira Baixa:

«Queridos Amiguinhos

Junto a esta encontrareis o produto do meu suor, que hoje com muito gosto quero repartir convosco. É apenas uma migalha de pão; pão dos pobres, repartido por outros pobres, para assim ter mais gosto à vossa mesa. Não era assim que dizia o nosso Padre Américo? Ele lá sabia porquê. A Viúva do Evangelho deu tudo o que tinha. Mas o rico só dá o que lhe sobra.

Aceitai a minha oferta com muito carinho, porque sai das mãos calejadas e sujas dum trabalhador que se preza de ser cristão.

Beijos para todos vós.

Joaquim»

O pão repartido connosco traz, quase sempre, esta nota: o suor, a renúncia, o amor e, geralmente, o amor cristão. Não é pão comercializado! Os nossos vizinhos e amigos dizem que não há pão como o da Casa do Galato. O suor, a renúncia, o amor, misturam-se no nosso pão saboroso. É tão bom o nosso pão!

Consolo-me ao entrar na Casa do Castelo e ver a Maria Teresa com os olhos e as mãos a darem sinal de que «há alguma coisinha». Há quase sempre. E todos daquela casa dão sinal de alegria. É tão bom partilharmos também a alegria! E muitos dos nossos pequenos que vendem O GALATO nas ruas e nas casas trazem cartas e sentem-se recoveiros das mensagens de amor. Os «netinhos» de Mação que em grande grupo se reúnem em casa do Avô e quase sempre nos mandam uma mensagem muito linda e muito fraterna para os nossos mais pequeninos e fazem connosco partilha de seus mealheiros. Um primeiro ordenado que senhora veio trazer. Metade do primeiro ordenado de filha doente que a Mãe nos quis mandar pelo correio. Parte do primeiro ordenado do filho que chegou.

Aqui será lembrado sempre. O funeral realizou-se no domingo, à tarde, para o cemitério de Agramonte (Porto), onde estão outros nossos. Alguns de nós acompanhámo-lo até à sua última morada.

Que descanse agora eternamente nos Céus.

VISITANTES — São muitos os que nos visitam. Vêm trazer do pouco que têm, seja em dias de semana ou aos domingos. A nossa Aldeia é uma enchente de pessoas! Agora que está quase a chegar a Primavera, é lindo a gente sentar-se debaixo das árvores cobertas de folhas e flores, apreciar os chilreios dos pássaros, o céu azul, todas estas belezas das terras do Vale do Sousa.

Venham até nós, amigos e admiradores da Obra da Rua. Tudo isto é

No almoço de baptizado da Marta Filipa, o Avô deu uma volta pelos convidados: «Quero que seus meninos também tenham festa». Um grupo de Unhais da Serra em reflexão. Filhos a recordar os Pais. Amigos que todos os meses se lembram de nós. Um conterrâneo que há meio século está no Brasil e agora passou momentos muito alegres connosco. A filha a recordar a Mãe que sempre muito nos amou. Muitos vizinhos que participaram da nossa Missa de Natal. As flores pelo Marido. Os da aldeia onde nasci carregam a nossa carrinha. Empregados do Banco Nacional Ultramarino. Uma bola dos do Banco Totta e Açores. O Pessoal do Salão Azul. O Pessoal das Telecomunicações. A presença habitual da Auto-Industrial.

O telefone chamou para irmos buscar o produto do mealheiro das Consultas Externas dos Hospitais da Universidade. O casal de Tomar não faltou com os filhos no dia de Natal. Vieram muitos dos que criámos e todos trouxeram presentes. E muitos que não puderam vir procuraram estar presentes. O casal amigo da Nazaré que gosta tanto de nos dar peixe e agora tem sofrido pela escassez que tem havido. O casal da Boavista que guarda para nós os miúdos dos leitões que preparam. O casal de Proença que se sente tão feliz por aceitarmos toneladas de maçã que nos ofereceu. Oficial do Exército que veio com rima de envelopes com óbulos vo-

luntários. Tantos embrulhos de roupa e calçado que temos ido buscar ou que nos têm vindo trazer.

«Amigos de Portimão» que passaram para nos ver e não nos encontraram. Médico que, antes da consulta, nos entregou seu óbulo. A mãe que tem a filha nos Açores e ficou contente por me encontrar na rua. Fiz mais uma visita à Covilhã e encontrei Amigos à espera. Oferta pelo Marido de Viúva com 71 anos e só agora conseguiu reforma, apesar das dificuldades de vida em que sempre viveu.

Vieram vários recados para irmos à Biblioteca Municipal buscar a parte que nos foi atribuída, parte das ofertas do Presépio colocado em frente da Igreja de Santa Cruz. Já sabemos, pelos jornais, do total das ofertas e seus destinatários. Mais que a quantia (que foi muito boa) saboreámos a presença do Presépio naquele lugar. Sempre que passámos, procurámos parar como vimos fazer a toda a gente. A perfeição das figuras, a posição de oração que mostram, o ambiente cidadão onde estão, tudo ajuda a parar. Agora o local voltou a ser ajardinado, mas as pessoas já não param. Todos gostamos do Natal. Os nossos mais pequenos já pouco têm daquilo que foi prenda de Natal. Por isso todos desejamos que o Natal seja todos os dias e todos os dias sejam Natal.

Padre Horácio

Calvário

Cont. da 1.ª página

seu amor de filho, deixar a mãe neste estado. Bate-nos à porta e esta abre-se.

Outro emigrante do Douro entra em Portugal e dá com idêntica situação. Tem que re-

gressar por via do emprego, mas também ele não o pode fazer sem que a mãe paralisada fique entregue aos cuidados de alguém. Familiares próximos não existem. Ele é filho único. Há vizinhos em redor. Oferece-se para pagar. Mas hoje nem por dinheiro algum aparece quem aceite um trabalho destes. Tenho pena da mãe e do filho. É aquela é acolhida.

A situação dos velhos, sobretudo quando doentes, é um drama silenciado hoje, na sociedade. Eu diria que fruto dela. Mesmo quando aqueles têm filhos, estes nem sempre podem quedar-se ao lado dos pais. Não falo já dos que positivamente se ausentam dos problemas paternos. As estruturas criadas para a terceira idade contemplam os sãos, os do foro ambulatório. Mas os outros? Eis a angústia dos velhos, que os novos irão conhecer por certo um dia também.

«Salsichas»

Padre Baptista

Aqui, Lisboa!

«É proibido aceitar heranças por testamento.»
(Pai Américo)

Não é a primeira vez que nos procuram por causa de heranças. As vezes, dos escritórios de Advogados ou de Notários, ligam o telefone e perguntam como devem redigir-se os testamentos. Delicadamente procuramos explicar. Se há quem entenda, grande parte fica assolapada com o nosso «não», apesar de citarmos textualmente Pai Américo: «Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais, podem fazer melhor, no caso de uma herança. Não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Outras pessoas, com relativa frequência, querem entregar-nos quintas ou propriedades para nelas instalarmos Casas do Gaiato ou similares. Alegam com veemência as suas razões, falam das características óptimas de que se revestem as suas ofertas e do bem que poderia ser feito se as aceitássemos. Esquecem, toda-

via, que não é possível uma Casa das nossas sem sacerdotes e pessoas devotadas ao serviço do Próximo.

No outro dia um casal pretendia entregar-nos uma quinta na Beira Alta, «com capela e tudo», capaz de receber, logo à partida, cerca de 30 Rapazes. Agradecemos, com a correcção que o acto impunha — e não se tratava de bens de mão morta — mas tivemos de pronunciar um «não» rotundo. A estranheza, como em outros casos, foi grande.

É preciso que os nossos Amigos saibam que somos poucos, sacerdotes e senhoras, ao serviço da Obra e que, infelizmente, apesar das necessidades aumentarem, ninguém ou quase se dispõe a dar a vida em e por trabalhos desta natureza. Elucidando: nesta Casa do Gaiato há apenas um sacerdote e uma senhora inteiramente entregues aos seus 118 Rapazes. Os anos vão-se passando e as forças, naturalmente, vão declinando, sem que se vislumbrem auxiliares

ou sucessores. Entretanto, os problemas sem resposta multiplicam-se e, todos os meses recebemos entre 20 a 30 pedidos de admissão de jovens, alguns deles em situações dramáticas.

Uma coisa é preciso dizer-se: sem sacerdotes não são possíveis Casas do Gaiato. O material nunca foi nem será óbice à abertura de mais Casas. Apareçam pessoas dispostas a entregar-se, sem reservas, ao serviço do Próximo e a ingressar no grupo privilegiado dos «pelicanos», que a Obra do Padre Américo continuará e tomará as iniciativas adequadas ante as tragédias que a todos se deparam.

Entretanto que outros saibam muito e falem bem, pouco importa, se é que o seu saber e seu falar nada realizam de útil. É que, pobres e limitados, na humildade do nosso ser e da nossa acção, temos a consciência de ir fazendo qualquer coisa de válido.

● Das bandas da Lourinhã chegaram-nos, há dias, duas crianças, uma de 4 e outra de 6 anos. Esquálidas, talvez com capacidades algo comprometidas, trouxeram grande enxoval. Infelizmente, os parasitas eram tantos que as roupas vestidas tiveram de ser queimadas, os cabelos cortados e os corpos logo metidos na banheira. Dia sim, dia não, a mãe, pobre de Cristo, telefona para aqui a saber se os filhos estão bem. Com todo o respeito, apetece-nos dizer que o estão, pois já se encontram mais luzidios, já tomaram banho e já lhes eliminaram os piolhos...

Outro dos nossos Rapazes, já a caminho dos 21 anos, com fortes perturbações psíquicas desde a sua vinda do antigo Ultramar, foi «arrumado» numa das antigas Casas de África, tendo transitado para o Tojal. Abandonado pelos pais, com a mãe no estrangeiro e o pai no norte do País, constituiu um grave e momentoso problema a resolver. A mãe apareceu há uns seis anos e disse-nos que até sentia ódio ao filho por ver nele a cara do progenitor; o pai, que ao longo destes anos nunca quis saber do filho, fosse por que via fosse, escreve-nos a dizer que não gosta do filho e que as suas convulsões são devidas à maldade (sic) do Rapaz.

A traços largos, dois casos para partilha com os nossos Leitores e para conhecimento dos que nos visitam. Muitas vezes, para que as pessoas se deleitem e alegrem, é preciso que retenhamos dentro de nós, engolindo em seco, muitas coisas que não se devem dizer, por decoro e respeito pelos outros e por nós próprios. É bom, porém, que um lamiré leve a reflectir que não há rosas sem espinhos.

● Chega-nos a informação de que vão ser feitos os esgotos do bairro clandestino que,

há já anos, com graves implicações sanitárias e de poluição, para lá da degradação da propriedade que ocupamos, tinham sido para aqui dirigidos. Embora estejamos ainda na posição de S. Tomé — ver para crer — não queremos deixar de comungar com os nossos Amigos o facto. Haja justiça!

● A pedido de alguns Leitores referimos, de novo, os locais onde poderão ser entre-

gues quaisquer donativos, assinaturas ou outras ofertas. Assim: Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — 2670 Loures; Lar do Gaiato — R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, 1200 Lisboa; Secretaria do Montepio Geral, R. do Carmo; Franco Gravador, R. da Vitória, 40; Ourivesaria 13, R. da Palma, 13; Maison Louvre, Rossio.

Padre Luiz

Lar Operário em Lamego

Aqui... Samodães

Bem gostava de escrever de tal modo que as minhas palavras fossem vida ou chave dos corações. Em seguida, rasgar o dicionário onde se encontram mensagens de amor e de ódio; de calma e de raiva; de entusiasmo e de desânimo; de medo e de segurança; de bem e de mal; de alegria e de tristeza; e, em caracteres bem legíveis, anunciar os Irmãos mais carecidos e dizer que a colaboração de muitos, torna alguns mais felizes. Isto nem é desconfiar de Deus nem dos homens. É somente comunicar aos leitores que o «Jardim Infantil» está desde Outubro a funcionar numa sala de festas, mas que recomeçamos as obras da sede e que todos os dias, ou semanalmente, aparecem as facturas e os salários para liquidar. O Natal passou e valeu muito.

Se agora fosse buscar todos os bocadinhos do dicionário rasgado acima, por mais voltas que lhes desse, só encontrava as palavras: cimento a 200\$ o saco; tijolos e blocos sem preço certo; montes de cal e areia a desaparecer como lenha em labaredas de fogo; o mestre de obras a pedir madeira e ferro; e, num baralhar de esperança na sorte, se revolvesse novamente os papéis, certamente nada mais conseguiria ver do que vidros para as janelas, tintas para as paredes e azulejos para alguns compartimentos.

O melhor é não continuar a leitura! Tenho receio de encon-

trar o preço das portas e das chaves e das persianas e não sei de que mais. É verdade que não me posso queixar de ninguém. O Senhor avisou-nos que antes de começar a edificar a casa, fizéssemos contas. Também é verdade que nesta contabilidade não me tenho enganado, pois a casa não é para mim, nem a construí até agora, e não vejo um futuro que me dê tempo para pensar nisso. As contas são outras, como dizia Pai Américo, e o avanço da ciência não me faculta métodos diferentes.

Abriu o Evangelho e encontrar que não se pode amar a Deus a Quem se não vê, sem primeiro amar o Irmão que se vê, obriga-me a descer do céu azul, deixar as núvens, mergulhar na realidade e vir até junto de ti falar da força que podemos encontrar numa criança que deixa a escola da rua onde tudo e todos são mestres do que não é bem, para encontrar no «Jardim Infantil» outras Mães que as ensinam a dar os primeiros passos para que o dia de amanhã seja melhor.

Oxalá que o vento espalhe e leve até aos queridos leitores alguns dos «tais papelinhos» que sejam carinhosamente lidos e um impulso generoso do coração, apesar da carestia dos correios, obrigue a uma resposta de amor para o Jardim Infantil de Samodães.

Padre Duarte

O VEIGA

De pouco acostumados à visita da morte em nossas Casas (a não ser o Calvário) surpreendeu-nos e chocou-nos muito o fim precipitado do nosso Veiga, posto ele fosse um poço de doenças.

Veio para nós aos 10 anos, depois de no Hospital de Crianças Maria Pia terem feito o possível para atenuar os efeitos de uma paralisia infantil, mal começada no tratamento e empatada no Joaquim Urbano cerca de um ano. Na juventude surgiu a epilepsia, que por vezes o prostrava em crises fortíssimas que chegaram a exigir internamento. Ultimamente passava pior, julgávamos nós que de algo do foro digestivo, pelos sinais do mal-estar. Afinal, radiografia pedida em Setembro passado, mostrava já à evidência um pulmão muito doente, o que parece ninguém ter detectado, porquanto só nos derradeiros dias de Janeiro foi mandado internar no S. João e dali passado ao Sanatório do Monte da Virgem; mas era já tarde demais para conseguir parar a marcha da doença. Uma semana mais, em 30 de Janeiro, às 8 horas da noite, o Senhor veio buscá-lo.

Provado pelo sofrimento, ele foi também uma prova de um serviço de saúde pouco eficiente e adiado, desde os cinco anos, quando a paralisia o apanhou na sua aldeia do concelho de Carrizeda, onde os recursos eram nenhuns e depois naquele período passado no Joaquim Urbano, onde só o mal adiantou; e agora, que, se o mal fôra denunciado e combatido logo em Setembro, quem sabe se o resultado não seria outro...

São mágoas que nos ficam, mesmo aceitando que a vida do Veiga seria sempre marcada pelo sofrimento, de que a morte certamente o libertou.

Que o Senhor tenha vindo buscá-lo, sim, àquele quartinho do Hospital de Gaia onde foi alvo de tantas atenções nas suas últimas horas. Cremos que a dor que ele foi amealhando ao longo dos seus quase 25 anos, sem desespero nem revolta, terá suprido todas as suas faltas e grangeado o olhar misericordiosíssimo do nosso Deus. Eis a nossa Fé e a nossa Esperança.

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4561 PAÇO DE SOUSA — Telef. 35285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes